

## **IDAS E VINDAS DO LEITOR: DO PAPEL AO PIXEL<sup>1</sup>**

Ana Elisa Ribeiro, UFMG, [anaelisaribeiro@hotmail.com](mailto:anaelisaribeiro@hotmail.com)

### RESUMO

Sob as luzes da história do livro e da leitura, este texto mostra, também com o apoio da história das tecnologias da computação, como os novos suportes e dispositivos de leitura são construídos e reconstruídos a partir de demandas do leitor/usuário e como este também reconfigura seus gestos de leitura e suas formas de significar o que lê. A partir de um experimento com leitores de impresso e de tela, pôde-se observar o deslocamento do leitor dos hipertextos impressos para os virtuais de maneira espontânea e bem-sucedida, apenas com os insumos oferecidos pela circulação de textos de jornais on- e off-line. A proposta do presente trabalho contraria correntes que consideram o hipertexto como novidade ou como forma revolucionária de contato com objetos de leitura, considerando a história das tecnologias de escrita e leitura um *continuum* repleto de intercessões e adaptações. Assim sendo, tenta-se formular maneiras de tratar o letramento digital de populações de leitores “analógicos” como algo factível e sem obstáculos importantes.

Palavras-chave: Letramento; Leitura; Hipertexto.

### RESUMÉE

Sous l’histoire du livre et de la lecture et en comptant sur l’appui de l’histoire des technologies de l’informatique, ce texte-ci montre comment les nouveaux supports et dispositifs de lecture sont construits et reconstruits selon les besoins du lecteur/usager et comment celui-ci reformule ses actions de lecture et les moyens de donner de signification à ce qu’il lit. A partir d’une expérimentation comprenant des lecteurs des textes de presse et ceux des textes digitaux,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Encontro Nacional sobre Hipertexto: desafios lingüísticos, literários e pedagógicos, ocorrido em Recife/PE, em outubro de 2005. Este texto também consta, na íntegra, no CD-Rom resultante do conjunto de pesquisas apresentadas no evento.

on a pu remarquer une sorte de déplacement, spontané et bien accompli, du lecteur des hypertextes de presse vers les hypertextes virtuels en n'utilisant que les éléments offerts par la circulation des textes de journaux on- e off- line. On s'oppose à ceux qui considèrent l'hypertexte une nouveauté ou une façon révolutionnaire de contacter les objets de lecture; en même temps, on prend en compte l'histoire des technologies de l'écriture et de la lecture comme un continuum plein d'intersections et d'adaptations. Ainsi, on cherche des moyens de discuter la littératie digitale par des lecteurs "analogiques" en présumant que c'est une mission possible d'être réalisée sans l'intervention de graves problèmes.

Mots-clés: Littératie; Lecture ; Hypertexte.

### **Ler na tela e ler nas folhas**

Depois que o computador se popularizou, na virada do século XX para o XXI, a relação do leitor com o texto tem sido, novamente, alvo de atenção. "Novamente" porque essa relação tem sido focalizada, de maneira cuidadosa, pelos historiadores do livro e das práticas da leitura, especialmente em relação às diferentes tecnologias do livro e à era do texto em papel, antes e depois de Gutenberg.

Os estudos da linguagem e da comunicação têm se preocupado em registrar e em discutir as mudanças que ocorrem nas práticas de leitura do cidadão contemporâneo em decorrência da invenção de novas tecnologias. Mais do que estudar a relação do leitor do presente com os suportes e textos da atualidade, é necessário especular sobre a maneira como o usuário se apropria do novo "jeito de ler", desde os gestos que hoje nos parecem comuns aos que ainda não foram assimilados pelo leitor do texto digital.

A reconfiguração dos modos de ler, assim como a oferta de novos dispositivos de leitura e a reaprendizagem, por parte do leitor, dos procedimentos para ler, além da recharacterização dos "mesmos" textos quando "transferidos" para novos meios são objeto de pesquisa em diversas áreas e tocam os estudos da linguagem diretamente.

O que o leitor tem feito na ação de leitura em novos suportes? O que ele herda de suportes anteriores cujos regimes de leitura (Babo, 2005) ainda conduzem suas ações? O que se deve especializar, no suporte, para que se preservem boas condições de leitura para o leitor? E daí

chega-se à pergunta que fundamenta este trabalho: Pode o letramento em suporte impresso contribuir para a leitura em ambiente digital?

O conceito de letramento entra aqui para ajudar a construir uma idéia de que o leitor não aprende a lidar com um texto como se fora novidade absoluta. Ele dá sentido à nova ação diante da necessidade e do conhecimento prévio, até mesmo dos gestos que empreende na leitura em práticas com as quais tem história pregressa de interações.

Embora Ferreiro (2002) mencione a expressão *computer literacy* para se referir às práticas de leitura que emergiram juntamente com as novas tecnologias de informação, Marcuschi (2001) defende, citando Street (1995), que a expressão mais adequada seja “letramentos”, no plural, o que eliminaria a necessidade de tratar o letramento como algo setorizado: letramento impresso, digital e outros que pudessem surgir sob rótulos.

Para este trabalho será mais interessante a idéia de que o leitor que aprende a leitura em tela “ganha” mais uma habilidade nos letramentos que lhe são possíveis na sociedade contemporânea. No entanto, não há ruptura entre o que esse leitor fazia em suportes de papel e o que fará nos monitores de raios catódicos ou de cristal líquido. Da forma como os dispositivos do computador são concebidos, o leitor deverá reconfigurar seus procedimentos de maneira a reaproveitar muitos e aprender, por contigüidade, outros tantos, aprendizagem que o tornará mais letrado com relação ao que era num passado próximo.

Com relação ao hipertexto o leitor fará o mesmo. Se o ambiente o ajuda a agir para ler, a leitura propriamente dita ocorrerá com os mesmos dispositivos biofisiológicos (olhos, fóvea, refração, cérebro, memória, etc.), no entanto as ações para ler textos construídos de maneira descontínua (embora não desordenada) e em profundidade (no lugar da extensão) serão novos procedimentos no encadeamento (ou na coordenação de ações) da leitura como um todo.

Ler texto e ler hipertexto têm sido ações conhecidas há tempos, desde ao menos a escrita da Bíblia, em sua composição calculadíssima, a invenção dos sumários e das paginações, assim como o empreendimento fantástico da enciclopédia, não apenas como conceito, mas como arquitetura e sistema de busca. Mais uma vez, não a ruptura, mas a contigüidade. Ao contrário do que diz Chartier:

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em

jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (Chartier, 1998, p. 77) (Grifo meu)

Se para o historiador francês a relação entre corpo e livro sofre mudança que acarreta até mesmo modificações nas categorias intelectuais do leitor, para este trabalho há reconfiguração de ações, coordenação de ações e meios, não sendo provável a ruptura, que traria cortes que obrigariam o leitor a um novo aprendizado, e não ao ajuste do que ele já sabe ao longo de séculos de história na linguagem e no impresso. Colocar em jogo “categorias intelectuais” não depende tanto de rompimentos, mas de reajustes também.

O leitor do hipertexto digital tem, mais uma vez, a tarefa de reorganizar suas ações, e não a de deparar com algo que o detenha diante do completo desconhecido. Essa ruptura não existe e não existiu na origem, quando os engenheiros informatas já pensavam na adesão do usuário à máquina que ora construíam e pretendiam difundir. Primeiro a máquina de cálculo, depois a máquina de texto.

### **Escrita e suportes**

Na sucessão dos materiais, é sabido que o pergaminho deu lugar ao papiro, mais resistente; o estilete e as tabuletas de cera deram lugar à pena, mais disponível e mais fácil de manejar (Arns, 1993); e que os livros eram compostos pelo trabalho de equipes “editoriais. O códice foi a origem desta forma de livro composto por pergaminhos sobrepostos, parente em linha reta dos nossos livros de papel. Escritos a pena, esses volumes antigos eram conferidos e anotados (com comentários e notas nas laterais), o que poderia nos parecer, contemporaneamente, as primeiras formas impressas de hipertexto (Lévy, 1993; Chartier, 1998).

A busca pelo conforto, pela durabilidade e pela portabilidade foi sempre norteadora do desenvolvimento das tecnologias do livro, dos objetos com os quais escrever, do papel e mesmo dos computadores (McLuhan, 1972; Febvre & Martin, 1992; Havelock, 1996; Belo, 2002). No entanto, mesmo diante do retorno de uma postura rígida diante da tela, o leitor se vê diante de um gesto que mescla a atitude leitora do monge medieval e a intervenção de um anotador de códices.

Se a portabilidade não chegou em profusão para o leitor de telas, ele recorre a outras ações que o mantêm leitor, talvez ainda mais do que antes, já que a Internet tem dado acesso à infinita biblioteca digital dos textos com e sem mediadores.

Voltando a tratar da relação do corpo com o objeto, afirma Chartier (1998) que:

A história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura. É no século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida, os leitores anteriores ao século XVIII liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis. O leitor e a leitora do século XVIII permitem-se comportamentos mais variados e mais livres – ao menos quando são colocados em cena no quadro ou na gravura. (Chartier, 1998. p. 79)

Segundo o autor, aproximadamente no século XVIII, o leitor estático dá lugar ao leitor móvel, que, em nossa sociedade, lê o códice dentro do ônibus, nos bancos de praça e carrega o texto para onde deseja. Essa invenção importante em termos de tecnologia desencadeou novos gestos de leitura, embora Chartier pareça se esquecer, no trecho citado, da rigidez (mencionada acima) dos gestos do leitor de *scriptoria* ou do leitor de biblioteca, onde se oralizavam textos e se mantinha a pose de quem exerce uma tarefa árdua.

Lyons & Leahy (1999) permitem melhor visão desse quadro histórico ao apontar que, nos séculos II e III:

o livro deixou de ser o rolo de pergaminho, ou *volumen*, e se tornou uma coleção de páginas separadas, amarradas de forma frouxa. Até a invenção da imprensa, o códex permitia que ambos os lados da folha fossem usados, de forma que poderia conter muito mais texto escrito do que antes. Era facilmente manipulável, permitindo a paginação e a indexação, favorecendo a comparação e o cruzamento de referências entre textos. Diferentemente do rolo de pergaminho, o códex não exigia que o leitor o manipulasse com as duas mãos, liberando-o para que, assim, pudesse ler e escrever, coçar-se, comer ou masturbar-se ao mesmo tempo. O processador de textos trouxe de volta uma versão do rolo de pergaminho, embora leiamos a tela de computador de cima para baixo e não perpendicularmente, como faziam os primeiros leitores. (Lyons & Leahy, 1999. p. 16.)

Ainda na perspectiva da contigüidade, Lyons (1999) afirma que

O livro impresso herdou muitas das convenções do livro manuscrito, mas gradualmente impôs e desenvolveu seus métodos próprios de arrumação do espaço tipográfico. Novas formas impressas de pontuação, por exemplo, precisavam ser desenvolvidas. Os primeiros livros impressos freqüentemente convidavam o leitor a fornecer seus próprios meios auxiliares de leitura, pedindo-lhe que este numerasse as páginas, marcasse letras maiúsculas em vermelho e acrescentasse sua própria pontuação. (...) Hoje, textos eletrônicos podem restaurar algumas oportunidades que haviam se perdido na relação do livro com o leitor. (Lyons & Leahy, 1999, p. 14)

É essa restauração que se pretende enfatizar neste estudo, mais do que os supostos cortes na história da comunicação.

### **Hipertexto e idéias mirabolantes**

Depois de abordar os recursos e os suportes, o próprio texto fica na mira das discussões sobre recaracterização e contigüidade. O hipertexto surgiu como conceito na década de 1940, nos Estados Unidos, quando o matemático Vannevar Bush, durante a Segunda Guerra Mundial, lançou o conceito do MEMEX (*Memory Extender*, em português, Extensor de Memória) e, junto com ele, o de hipertexto. (Laufer & Scavetta, s/d).

Segundo Lévy (1993), Bush foi o primeiro a conceber a idéia de *hipertexto* como uma rede interconectada de dados e informações e, para muito além disso, foi o primeiro a desconfiar de que a cognição humana não funciona de maneira hierarquizada e seqüencial. Para ele, que se atinha aos problemas de um banco de dados informático, o pensamento e a memória humanos provavelmente não funcionavam como os computadores de então queriam prever, mas sim de maneira múltipla, multimídia, interconectada e de fácil acesso.

Já no início dos anos de 1960, Theodore Nelson teria inventado o termo *hipertexto* “para exprimir a idéia da escrita/leitura não-linear em um sistema de informática” (Lévy, 1993, p. 29). De acordo com isso, a primeira aplicação do termo *hipertexto* teria sido mesmo empregada com exclusividade para o contexto da informática. Porém, com a

consolidação e com as reflexões sobre o conceito, o termo passou a ser empregado em relação ao impresso, numa reconfiguração entre conceitos e objetos, como querem mostrar Laufer & Scavetta:

O hipertexto tem história recente, mas possui fundamentos antigos nas enciclopédias, nas coleções e nas bases de dados. As dificuldades semânticas de acesso aos documentos e aos conhecimentos não desapareceram, mas foram, em parte, contornadas, por meio de novos dispositivos pragmáticos. (Laufer & Scavetta, s/d. p. 8. )

Sendo assim, navegar por um texto não é algo restrito ao suporte digital, mas extensivo ao percurso que o leitor pode fazer em determinado objeto de leitura (texto, gráfico, legenda, sumário, índice), de acordo com suas escolhas, a partir de opções de caminho. E esse percurso possui algo de particular e algo de orientado.

Chartier (1998) não menciona o termo *hipertexto*, mas lida com as oposições *texto impresso*, *texto manuscrito* ou *texto eletrônico*. Neste trabalho, no entanto, a distinção sugerida é a de *hipertexto impresso* por oposição à de *hipertexto digital*, sendo evitadas oposições inadequadas, tais como *texto versus hipertexto* significando, respectivamente, o texto fora do ambiente digital *versus* texto dentro dele.

Hipertextos são sempre textos (sejam eles verbais ou não). Mas nem todo texto é hipertexto. Para sê-lo, os textos devem ter certas características, sendo a principal a não-linearidade<sup>2</sup>, seja em papel ou em pixel.

Para Laufer & Scavetta (s/d.), o hipertexto eletrônico seria o *continuum* de outras tecnologias de suporte para leitura/escrita, e não uma ruptura revolucionária:

O que se passou em relação ao fabrico do livro, em geral, encontra aqui uma seqüência: ao rolo sucedeu o códice e, actualmente, o hipertexto; a página do rolo era presa por dois dos seus lados, a do códice por um só, a do hipertexto por nenhum. A manipulação intuitiva do códice é, hoje, substituída por um

---

<sup>2</sup> Entende-se por texto uma “ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa”. (Costa Val, 1994)

dispositivo explícito de interactividade que permite extrair um texto (no sentido de uma *visão textual*, de um *ponto de vista sobre o hipertexto*). (Laufer & Scavetta, 199\_, p. 7)

Tanto Chartier (1998) quanto Lévy (1993), ao refletir sobre os hipertextos impressos, eletrônicos e até mesmo manuscritos, terminam por sugerir que não há, de fato, novidade absoluta no aparecimento do texto suportado pelo computador. A novidade está no próprio suporte e na velocidade com que os nós são acessados nos hipertextos digitais.

Trata-se mais de uma reconfiguração das práticas de leitura ao novo suporte do que propriamente de uma novidade que possa dividir a história humana em eras (do manuscrito, do impresso, da informática, etc.). É assim que a pretensa revolução da informática perde sua mística e torna-se mais um rearranjo de uma era: a da escrita.

### **Jornal e revista: hipertextos**

A sinalização, a familiaridade com a interface e as possibilidades mais ou menos abertas de percurso fazem com que um objeto de leitura possa ser chamado de hipertexto. É nesse ponto que jornais e revistas atendem a uma configuração mínima para que possam ser encarados como hipertextos, ainda que não sejam necessariamente digitais.

O jornal ou revista, refugos da impressão bem como da biblioteca moderna, são particularmente bem-adaptados a uma atitude de atenção flutuante, ou de interesse potencial em relação à informação. Não se trata de caçar ou de perseguir uma informação particular, mas de recolher coisas aqui e ali sem ter uma idéia preconcebida. O verbo *to browse* (“recolher”, mas também “dar uma olhada”) é empregado em inglês para designar o procedimento curioso de quem navega em um hipertexto. No território quadriculado do livro ou da biblioteca, precisamos de mediações e mapas como o índice, o sumário ou o fichário. Ao contrário, o leitor do jornal realiza diretamente uma navegação a olho nu. As manchetes chamam a atenção dando uma primeira idéia, pinçam-se aqui e ali algumas frases, uma foto, e depois, de repente, é isso, um artigo fisga nossa atenção, encontramos algo que nos atrai... *Só podemos nos dar conta realmente do quanto a interface de um*

*jornal ou de uma revista se encontra aperfeiçoada quando tentamos encontrar o mesmo desembaraço num sobrevôo usando a tela e o teclado. (Lévy, 1998, p.35,36, grifos meus).*

Segundo Lévy (1998), revistas e jornais são hipertextos em que o leitor pode navegar a partir de uma primeira página, que oferece indicações que o guiam para a matéria de seu interesse. Índices e sumários oferecem maneiras mais eficientes e ágeis de chegar, respectivamente, a determinado tema ou texto, sendo que o leitor deve desenvolver aptidão em promover buscas a partir do sistema que encontra. Dessa maneira, é importante frisar que tudo depende de o leitor ter um objetivo de leitura, caso contrário, parecerá perdido seja em ambiente digital, seja em impresso.

Este trabalho focaliza a leitura de jornais na forma impressa e na forma digital. Cada qual com suas peculiaridades, impressos em papel ou inseridos em meio digital, lidos por leitores proficientes e familiarizados tanto com a interface impressa do veículo quanto com a nova interface.

Para que essa análise fosse possível, recorre-se à Usabilidade, ciência da computação desenvolvida a partir do conhecimento objetivo e quantitativo obtido via pesquisa que observa a interação entre o usuário e a interface em ambiente digital.

### **O que é Usabilidade?**

Usabilidade é a medição da qualidade da interação do usuário com o produto ou sistema – *website*, *software*, tecnologia móvel ou qualquer dispositivo operacional. Trata-se de uma combinação de fatores que afetam essa interação:

- Facilidade de aprendizado – quão rápido o usuário aprende a trabalhar com as ferramentas do sistema;
- Eficiência de uso – depois que aprendeu a usar as ferramentas, quão rápido o usuário conclui as tarefas;
- Memorização – o usuário deve aprender a usar o sistema e, quando for utilizá-lo novamente, deve ter facilidade em se lembrar de como interagir com ferramentas e tarefas;

- Frequência e gravidade dos erros – quão frequentes e graves são os erros cometidos pelo usuário e como ele faz para recuperar a tarefa.

(<[www.sun.com/980713/webwriting](http://www.sun.com/980713/webwriting)>, <[www.usability.gov](http://www.usability.gov)>, <[www.usability.gov/guidelines](http://www.usability.gov/guidelines)>)

Para os objetivos desta pesquisa, hipertextos impressos, tais como os jornais, são de fácil aprendizado, têm uso eficiente, são de fácil memorização e dão ao leitor a impressão de familiaridade necessária para que ele manipule qualquer outro jornal. O hipertexto digital dos jornais também apresenta esse tipo de facilidade na interface. O problema em ambos os ambientes é a indução a erros, que pode ocorrer, por exemplo, quando o título da chamada da primeira página do jornal não corresponde ao título interno. Tal diferença, no entanto, conta com que o leitor/usuário fará uma inferência que o levará à notícia determinada, uma vez que ele compreenderá o assunto de que trata o texto procurado, ou seja, fará uma espécie de sumarização que o levará a títulos provavelmente correspondentes à mesma matéria.

A hipótese deste trabalho é a de que, assim como houve acomodações nas formas de ler e recuperar informação nos materiais impressos, os textos digitais lidos em tela também devem chegar a uma acomodação que será definida pelo usuário, à medida que suas práticas forem se consolidando, desde que em ambientes adequados de publicação do texto.

### **Os jornais *Folha de S.Paulo* e *Hoje em dia* em dois ambientes**

A *Folha de S.Paulo*, um dos maiores jornais do Brasil, possui versão digital (disponível em [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)) tão importante quanto a versão impressa, além de ser provedor de acesso para navegação nos *sites* do grupo Folha.

O *Hoje em dia*, jornal sediado em Belo Horizonte (MG), de alcance pequeno e porte bem menor do que a *Folha de S.Paulo*, tem *site* homônimo, acessível por leitores cadastrados, que não precisam ser assinantes. Basta preencher um formulário disponível *on-line* para ter acesso a todo o conteúdo do jornal.

A análise da Usabilidade da *Folha de S.Paulo* aferiu que o jornal, na versão digital obedece às configurações mínimas necessárias para oferecer conforto ao leitor. O jornal *Hoje em dia on-line* também apresentou interface confortável e facilmente navegável.

Os leitores/usuários desta pesquisa foram escolhidos entre pessoas de perfil socioeconômico, escolar e cultural semelhante. A cada um desses leitores/usuários foi dada uma versão da *Folha de S.Paulo* e uma versão do *Hoje em dia*, ou impresso ou digital, de maneira cruzada, ou seja, quem leu o texto 1 impresso não leria sua versão digital e vice-versa.

De cada jornal, foi escolhido um texto aproximadamente do mesmo tamanho (1500 caracteres com espaço), ambos retrancas de textos principais que tratavam das eleições 2002. Cada leitor teria acesso apenas às retrancas, não sendo pedido a eles que lessem os textos principais, o que permitia que eles trouxessem à tona informações que tinham na memória, e que não retiraram dos textos principais das notícias.

Cada leitor foi convidado a ler os textos em um escritório, ambiente preparado para a leitura em tela e para a leitura do impresso. A pesquisadora fornecia ao leitor o jornal impresso completo, fechado e dobrado (*Folha de S.Paulo* ou *Hoje em dia*) e dava um comando para que o leitor encontrasse uma matéria pré-escolhida. Enquanto o leitor navegava pelo jornal impresso (considerando todo percurso feito em busca de um objetivo de leitura por meio de nós como navegação, conforme definição de Lévy (1993), p.37), deveria falar qual percurso fazia, como e por quê. Esse protocolo verbal foi gravado em fita cassete para todos os leitores e, posteriormente, transcrito *ipsis litteris*.

O texto eletrônico (*Folha de S.Paulo* ou *Hoje em dia*) também foi fornecido juntamente com o comando para que o leitor/usuário encontrasse dada matéria. O jornal digital estava gravado em CD, em versão *off-line*, capturado diretamente dos *sites* dos jornais. Dessa maneira, cada leitor/usuário forneceu à pesquisa um protocolo verbal de navegação para jornal e para texto impressos; e um protocolo verbal de navegação para jornal e para texto digital.

O protocolo verbal foi empregado como método de coleta de dados por parecer a maneira menos impenetrável de conhecer as hipóteses e os raciocínios dos leitores/usuários em seus percursos de navegação. Cada leitor/usuário não tinha tempo determinado para fazer as leituras. Cada um deles teve acesso ao jornal impresso antes do digital.

Foram definidas duas duplas de leitores/usuários: S e J (Dupla 1) leram os mesmos textos nos mesmos ambientes, assim como L e C, na Dupla 2. A análise e a discussão dos resultados se darão fazendo comparações intragrupos e intergrupos. Nas primeiras, busca-se analisar as diferenças de relação entre o indivíduo e a interface, como cada um leu cada texto e percorreu o

**Comentado [FASJ1]:** É necessária nota dizendo que os nomes são fictícios para garantir o anonimato dos informantes ou está utilizando o nome verdadeiro deles? [Estou utilizando as iniciais verdadeiras dos nomes deles, além disso, disponibilizo um perfil com nome verdadeiro completo nos anexos. É melhor não ser assim?]

ambiente papel ou tela segundo os critérios da Usabilidade, tendo lido os mesmos jornais, nos mesmos suportes. Nas comparações intergrupos busca-se analisar, nas mesmas condições de Usabilidade, como cada indivíduo leu os mesmos jornais em suportes diferentes e jornais diferentes no mesmo suporte.

### **Comparação intragrupo e intergrupo: navegação igual e nomenclatura especializada**

Os leitores/usuários S e J (Dupla 1) leram a versão impressa da *Folha de S.Paulo* e a versão *on-line* do *Hoje em dia*, ou seja, os mesmos textos nos mesmos suportes. O mesmo ocorreu com os leitores/usuários C e L (Dupla 2), que leram, ao contrário da Dupla 1, a versão impressa do *Hoje em dia* e a digital da *Folha*.

O que se obteve então foram duas duplas de leitores/usuários, ambas formadas por um elemento do sexo masculino e outro do sexo feminino, de perfis socioeconômico-culturais semelhantes, proficientes em leitura de jornais impressos ou eletrônicos, portanto, letrados em ambos os hipertextos.

A Dupla 1 e a Dupla 2 tiveram acesso aos mesmos textos, embora apresentados em suportes diferentes. A análise que segue caminhará no sentido de mostrar como o letramento em hipertexto impresso “contamina” a navegação do hipertexto digital e como os leitores/usuários, espontaneamente, empregam nomenclaturas diferentes para os hipertextos em suportes diversos.

Na Dupla 1, S diz:

primeiro vou dar uma olhada nesta *página inicial* aqui do *site*, rolando a barra aqui pra ver as *manchetes*.

demonstrando conhecimento tanto da nomenclatura empregada para jornais impressos (manchete), quanto largo conhecimento sobre hipertextos digitais (*página inicial*, *site*, rolar a barra) e seu suporte. S considera a mudança de ambiente de leitura e muda de nomenclatura, demonstrando versatilidade na lide com diferentes suportes. Na leitura do jornal impresso, S diz:

primeiro então eu vou *abrir aqui o jornal* para ver a *primeira folha* todinha. Afé eu vou ler todas as *manchetes* aqui da... vou passar o olho nas *manchetes* da *primeira folha* para tentar ver se eu já acho aqui.

O que o leitor chama de *manchete*, embora tenha recursos diferentes no impresso e no digital, continua significando a mesma coisa: os títulos das matérias principais. S chama de *primeira folha* (primeira página) o que, na versão digital, consagrou-se como *página inicial*. Porém, tão interessante quanto a mudança de nomenclatura, que mostra o letramento do leitor nos dois meios, é a navegação feita por S com os mesmos gestos em ambos os suportes. Quando o leitor/usuário diz “vou *dar uma olhada* nesta página inicial”, no caso do hipertexto digital, e “vou abrir aqui o jornal para *ver a primeira folha todinha (...)* vou *passar o olho* nas manchetes da primeira folha”. O escaneamento do texto, tanto em papel quanto em tela, é o procedimento de todos os leitores, que apresentam, inclusive, insistência, antes de clicar a matéria pedida:

A Dupla 1 mostrou dificuldade de navegação na *Folha de S.Paulo* impressa em razão de não conhecer a numeração empregada pelo jornal. Porém, o letramento em leitura de jornais ajuda na solução do problema e o leitor conta com a padronização mínima desse tipo de suporte para sair de seu dilema e chegar ao objetivo de encontrar a notícia que procura.

Afé eu achei. Afé eu vejo em que página que está falando dessa notícia... tá escrito “página esp. 1”. *Eu não conheço essa numeração aqui da Folha então eu não sei o que que é essa “página esp.”, mas pela minha experiência de leitura no Estado de Minas, imagino que seja neste primeiro caderno mesmo. // Mas só que... abrindo aqui o jornal, achei outro caderno que é especial de eleições, então vou olhar nele primeiro. Afé eu já achei aqui na primeira folha desse caderno a notícia. (S, hipertexto impresso)*

Tá. Já achei aqui este *lead* na capa, na primeira página, *página esp 1. O que que isso? Não sei o que que é esp 1. Vamos atrás do esp 1. Deve ser no caderno de eleições. Especial, sei lá. (J, hipertexto impresso)*

Todos os usuários de hipertexto digital apresentaram algum tipo de comparação entre os dois suportes em que leram os jornais. E quando isso ocorreu, a desvantagem dos hipertextos em tela mostrou-se relativa a características que a Usabilidade e os próprios usuários ainda buscavam

aperfeiçoar. Apesar de as novas tecnologias de escrita e leitura serem tão recentes, pôde-se demonstrar que os leitores letrados em jornais impressos têm alguma familiaridade com a navegação em jornais digitais e, ainda, que a nomenclatura empregada para cada suporte já foi assimilada pelos leitores/usuários.

## **Conclusão**

Como o letramento em suporte impresso pode contribuir para a leitura em ambiente digital? Sabendo que a Usabilidade trabalha sobre *feedbacks* do usuário no sentido de fazer com que ele obtenha cada vez mais sucesso na leitura e para que o *site* ganhe cada vez mais adesão de leitores, também os conceitos de hipertexto e letramento foram empregados e desdobrados para que pudessem se agregar à cadeia de variáveis responsáveis por uma boa leitura em qualquer suporte. A intimidade que o leitor ganha com o texto e com o suporte em que ele se encontra é considerada característica do letramento, assim como a detecção de nomenclaturas assimiladas pelo público para cada suporte e atividade de leitura.

À medida que os recursos para registro da escrita e os suportes para leitura são inventados e reinventados, novos gêneros de texto surgem, a partir de novas possibilidades de interação, de busca e de velocidade. Assim é que o leitor/escritor está sempre às voltas com novas maneiras de manipular recursos e navegar em textos, novas maneiras de conduzir a tecnologia da leitura alfabética, fato que o torna sempre passível de aumentar ou ampliar seu letramento, em passo paralelo ao desenvolvimento das tecnologias para ler e escrever<sup>3</sup>.

A partir do que se viu, conclui-se que a leitura de jornais pode fornecer bons conhecimentos de navegação e manipulação de textos e tecnologias de busca para o leitor que ainda não alcançou a leitura em ambiente digital.

Também as improfícuas discussões sobre a substituição de umas tecnologias por outras acha-se no vácuo dos temas a que falta a perspectiva histórica. Por meio da história das tecnologias de escrita e leitura e da prática dos leitores é possível perceber a co-ocorrência dos suportes e dos textos, e a especialização de suas funções e públicos. O livro, o jornal, a revista e a

---

<sup>3</sup> Isso pode incluir recursos recentes como *blogs* e *wiki-wikis*, por exemplo, que são sistemas eletrônicos para publicação de textos em ambiente digital.

Internet são tecnologias diferentes de publicação e de leitura, o que só amplia as possibilidades de públicos e produtores. É possível demonstrar, num passo mais largo, que a escola pode ampliar as possibilidades dos leitores para que eles aproveitem o que sabem do impresso para trafegar entre este e o novo mundo das possibilidades digitais.

### **Referências bibliográficas e documentação digital**

ARNS, Dom Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo São Jerônimo*. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Coleção Bereshit)

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

FERREIRO, Emilia. *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da nossa época)

HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LAUFER, Roger & SCAVETTA, Domenico. *Texto, hipertexto, hipermídia*. Trad. Conceição Azevedo. Porto: Rés-Editora, s/d. (Coleção Cultura Geral)

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. Rio de Janeiro: 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

<[www.sun.com/980713/webwriting](http://www.sun.com/980713/webwriting)>

<[www.usability.gov](http://www.usability.gov)>

<[www.usability.gov/guidelines](http://www.usability.gov/guidelines)>

<[www.stcsig.org/usability/newsletter](http://www.stcsig.org/usability/newsletter)>